

## O registo das antiguidades lusitânicas do Sul no legado documental de D. Manuel do Cenáculo

Manuel Francisco Soares do Patrocínio\*  
Universidade de Évora e Universidade do Algarve

Do espólio documental e epistolar que pertenceu a D. Frei Manuel do Cenáculo Villas-Boas (1724-1814), notável figura da Igreja, mas também estudioso e promotor de acções que envolveram primeiras acções em prol do património, contam-se missivas como a que, em 1792, dirige ao Visconde da Lourinhã, à data Governador da província do Alentejo. Dava aí nomeadamente registo de questões relativas aos restos monumentais de Beja, cidade de que era então Bispo, chamando a atenção para a necessidade de arranjo e conservação das velhas muralhas. Tardava uma necessária reparação pois tinham-se mantido fortes estragos de uma intempérie ocorrida havia trinta anos, observando-se igualmente que as mesmas muralhas continuavam a servir de pedreira, com a complacência dos Vereadores.

Protestando, adiantava D. Manuel do Cenáculo que “*não se há tocado até agora, nem disposto nem ainda mais sondado tocar no Castello*”. Contudo, não deixava de indicar o seguinte: “*para decoro da Cidade [em nome do qual se] se haviaõ conservar as tres Portas Romanas, (...) [assim as] mandei debuxar, [em esboços que] as mostrava frequentemente em bem assistidos Concertos*”. Sob a sua iniciativa, fizeram-se também desentulhamentos, desde “*a Corte às Torres que vaõ em linha athe ao Castello*”; evocava-se então a memória de terem sido estas mesmas torres os “*corpos leuantados para defesa, e arremesso de pedras nos combates rudes dos antigos*” [Correspondência de D. Manuel do Cenáculo, (BPE) COD CXXVIII/ 2-10: fl. 38v.].

Tal iniciativa constituiu um gesto inédito, tendo sido os desenhos uma encomenda propositada quanto à restituição das citadas estruturas, para as quais se reclamava uma nova integridade e sem outro motivo senão aquele mesmo “*decoro da cidade*”; ou seja, conducente à sua ornamentação monumental, em reaproveitamento do conceito clássico de *monumentum*, que se devolia ao tempo presente, numa nova formulação, que se tentava adequar ao sentido de defesa da identidade histórica e cultural. Empenhado no ideário do progresso científico, pertencendo tanto ao grupo dos distintos membros da recém estabelecida Academia Real das Ciências [1779], sob auspícios régias, como da Real Academia de História de Madrid, era ao sentido do *antigo* que D. Manuel do Cenáculo ia

---

\* Estudo preliminar ao âmbito do PROJECTO POCTI/HEC/56279/2004: *The books and libraries in the bibliographic heritage of D. Manuel do Cenáculo (1724-1814)*; task 1.

buscar fundamentos para uma exigida prática de resgate dos vestígios materiais de outras épocas.

Repercutiam-se assim, nestas ideias e prática, os aspectos essenciais que, em dada época, contribuíram para definir as atitudes perante a História. Do culto e gosto pelo Clássico, que fez suscitar o que se designou de *curiosidade antiquária e arqueológica* e do apelo que a Antiguidade ainda mantinha, resultaram processos de uma progressiva valorização dos vestígios. As “*antigas grandezas*”, desde o séc. XVI, tinham começado na verdade a merecer primeiras apologias, subjacentes ao conjunto geral de descrições e tratados da época.

Considerando-se então alguns antecedentes para as atitudes perante os testemunhos materiais do passado, em obra de 1652, consagrada a histórias que haveria a reter, desde períodos bíblicos, quanto à bem venerável memória da capital do reino, o engenheiro militar Luís Marinho de Azevedo não tinha deixado de dirigir já a sua atenção para o urgente reparo a conceder dos achados “*de Antigos*”. Segundo afirmou nesse seu tratado, que embora “*não sejam cousas nossas próprias (...), nos pertencem por razão de sucessão, avendo de tratar-se publicamente de sua dignidade*” [AZEVEDO, 1652 (1753), “Prólogo ao leitor”: l].

Reclamava assim ao Senado da Câmara que se “*mandasse aos pedreiros, que achando alguma [pedra] nos edificios, que se derribaõ, com algumas letras, a não quebrassem, nem usassem della sem vistoria do Vereador do pilouro das obras, para lhe assinar lugar no mesmo edificio, onde se collocasse, para se não perderem similhantes memorias: pois com ellas se ennobrecem tanto os lugares*” (*id.*, *ibid.*)<sup>1</sup>.

Foram estas exortações que vieram, enfim, a abrir caminho para o estabelecimento de uma tutela oficial de protecção patrimonial, de modo a se não voltarem a reutilizar ou destruir, como era corrente, as “*pedras*” e demais “*antiguidades*” que se iam pontualmente resgatando. Foi, de resto, esse mesmo o propósito explícito do Real Decreto de 14 de Agosto de 1721 (bem antes da própria criação da Real Academia de História), como primeiro regulamento nacional de salvaguarda dos “monumentos”, destacando-se as “*estátuas, mármores, cipos, lâminas, chapas, medalhas e moedas*”, que viessem de tempos de pré-romanos, Romanos e Godos até ao reinado de D. Sebastião, entre o universo das “*antiguidades*” a conservar [FABIÃO, 1989: 16-18; cf. também BRIGOLA, 2000: 250].

Um propósito, pois, já classificado como conducente ao interesse “nacionalista”, uma vez que é significativa a consideração de vários períodos históricos que se faziam

<sup>1</sup> Em abono do legado histórico e monumental lisiponense, assinalara Damião de Góis que “*numa cidade onde se encontram hoje em dia tantos elogios e tantos epitáfios gravados em lápides com caracteres latinos, tenha também havido em épocas antigas muitos e grandiosos feitos com que poderíamos ornar e ilustrar este nosso comentário*” [DAMIÃO DE GÓIS, 1554 (1988): 38-39; *n/ destaque*]. As “*pedras já alegadas*”, bem como tantas “*outras muitas inscrições*”, assumiam-se, portanto, como um conjunto de valiosos “*penhores de antiguidade*” [DAMIÃO DE GÓIS, *id.*, *ibid.*].

interromper na data fatídica de 1580, em que se celebrara a União peninsular. Nos inícios do séc. XVIII, ainda estava viva a necessidade de se reafirmar a especificidade cultural lusitânica, o que ajuda a explicar o precoce aparecimento de uma lei como a de 1721, em que, tal como no próprio tratado de Marinho de Azevedo, quase cem anos anterior, parecia ser afinal mais a ideologia que a curiosidade do conhecimento o motivo para a salvaguarda do património histórico e monumental.

Nos finais do mesmo século, a diferença de abordagem protagonizada por D. Manuel do Cenáculo revelava, ao invés, uma outra sensibilização. A atenção concedida aos objectos e artefactos, que não deixava, claro está, de se justificar pela sua qualidade enquanto *documento*, incidia, porém, essencialmente, na avaliação dos seus traços formais, no seu pitoresco, originalidade ou, até, sentido de beleza. Assim mesmo se tratava de as conservar, resgatar e, no caso de peças menores, de as reunir, para sobre elas se constituírem colecções valiosas, que eram base para um renovado entendimento dirigido ao passado histórico e monumental<sup>2</sup>.

Numa acção que se pretendia global, ou de uma intervenção cultural a vários níveis, essencial era igualmente o fomento de bibliotecas. António Ribeiro dos Santos, que comissariava a fundação da Real Biblioteca, em carta enviada a 7 de Outubro de 1796, agradecia-lhe precisamente uma considerável doação de livros. Na missiva, em grande encómio, ia realçando diversas qualidades do Prelado, na sua própria distinção pessoal [Correspondência de D. Manuel do Cenáculo, (BPE) COD CXXVIII/ 2-10].

Cenáculo devolve resposta em 14 de Outubro, em carta expedida de Beja, fazendo, por sua vez, exaltar, não apenas o próprio trabalho de António Ribeiro dos Santos, como o que significava a existência de uma Biblioteca Pública no Reino, num século em que as Nações se tinham de assumir como "*heroicamente letradas*". Por este modo, escrevia ao Comissário: *Vossa Senhoria* [tem o dever de dotar] *essa/ Caza da sabedoria de brilhantissimos decoros,/ e de tudo quanto sem limite a pode ennobrecer (...). Para tan/to bem repito os meus antigos votos formados/ ácerca de hua instituição pela qual clamavaõ/ continuada e altamente Ceo e Terra. Eu conto dêde já sobre a fortuna della e a nossa, ven/do-a reluzir na vontade Soberana Positiva e Gra/ciosissima// [...], e nas bem entendidas Protecções, e/ nos desempenhos de que decididamente he capaz o en/ciclopedico e nobre Bibliothecario e Regente"* [Correspondência de D. Manuel do Cenáculo, (BPE) COD CXXVIII/ 2-10].

De entre as suas várias actividades, particulariza-se sobretudo a missão de anti-

---

<sup>2</sup> Com referência ao academismo, adiantou Fernando Gascó que a noção setecentista de Património "*sin embargo, no sólo se confeccionaba con los edificios y objetos, que procedían del pasado más venerable y lo recordaban, también eran fundamentales las percepciones cada vez mejor fundadas sobre el propio pasado y con tal intención se fomentó el análisis de los textos, su edición, la consideración y revisión de ciertos problemas para los cuales las academias podían ser un importante foro para su estudio, presentación y debate*" [GASCÓ, 1993: 25-26].

quário e arqueólogo. Entre as décadas de 1770 e 1780, coincidindo com a sua duradoura estada em Beja, D. Manuel do Cenáculo partia em explorações por sítios que pertenciam à sua diocese, encetando descobertas e congregando a recolha de peças de diversa categoria, as quais se distribuiriam em sucessivas classificações ou grupos tipológicos.

Coube-lhe um primeiro registo moderno das realizações epigráficas que comportavam os, até então ignorados, caracteres turdetânicos, sendo exemplo da primeira escrita no território que corresponderia à província da Lusitânia. Reuniu igualmente um núcleo de obras escultóricas romanas, correspondentes às achadas em contexto coincidente com os lugares de ocupação e estabelecimento de *villae*. A par disso, formou ainda o seu próprio gabinete medalhístico, composto por espécies numismáticas, as quais, no entanto, seriam pilhadas no decurso do saque dos exércitos franceses. Testemunho do antigo, eram, todos estes, exemplos de realizações que, pela primeira vez, se traziam ao conhecimento erudito, salientando-se também o facto não se tratar de espólio recolhido aleatoriamente mas, desta feita, de objectos recolhidos na sequência de pesquisas intencionalmente efectuadas no terreno.

Desta vertente de actividade de D. Manuel do Cenáculo saíram vários relatórios, alguns permanecendo somente como registos manuscritos, ainda presentes na Biblioteca Pública de Évora, outros tendo já merecido pontualmente referência e edição. Em inícios do séc. XIX, o eclesiástico é elevado à categoria de Arcebispo, transferindo-se, pois, de Beja para Évora, e levando consigo as suas colecções. Embora tenha chegado a fundar o *Museu Sesinando Pacense*, ainda em 1791 (acompanhado depois da tentativa de fundação de uma *Academia Eclesiástica* em 1793), foi em Évora que, em data subsequente a 1802, sobre o legado da colecção cenaculana, se estruturou assim a Biblioteca e, posteriormente, o Museu, a partir dos núcleos de objectos entretanto recolhidos pelo eclesiástico.

Como arquivo referente às deambulações curiosas do Prelado, subsistiram, além das suas cartas, vários outros textos, entre eles os *Cuidados Literários do Prelado de Beja em Graça do seu Bispado* [Cenáculo, 1791], revelando o modo como a vocação do conhecimento se aliava a matrizes pedagógicas, e onde o Bispo dava conta dos seus passeios arqueológicos pelo sul. Surge também o *Album de antiguidades lusitanas e luso-romanas (...) de D. Frei Manuel do Cenaculo Villas-Boas: "Lápides do Museo Sezinando Cenaculano Pacense"*, que é um caderno com as ilustrações de cada um dos achados ocorridos. Como apontamento da proveniência e caracterização das peças do seu Museu, há igualmente o opúsculo intitulado de *Vida de Sisenando martir e Beja sua patria* [CENÁCULO, 1800a], em que se justificava a dedicação do museu fundado em Beja, que assinalava a memória do santo mártir local. S. Sesinando tentara, no seu tempo, defrontar as invasões árabes, de modo a manter a "luz". Complementando a *Vida de Sisenando (...)*,

D. Manuel do Cenáculo escreveria um *Comentário* [CENÁCULO, 1800b; e também DELGADO, 1947, 1948, 1949].

A evocação da luz quanto à recordação da memória de S. Sisenando, seria implicitamente a alusão ao triunfo da sabedoria contra *trevas* da barbárie. O protagonismo do santo assumia um pendor místico, quanto ao exemplo da sua heróica resistência; contudo tratava-se igualmente da luta em nome da Ciência ou da “Civilização”, dentro das melhores regras do espírito.

Assim reatava D. Manuel do Cenáculo a sequência da feliz memória do passado, fazendo salientar o seguinte: “quando [...] no seculo/ oitavo arrojou Africa para a Luminoza Espanha a cerração espêssa/ e medonha do Coran, teve Beja esmêro, e felicidade em desasombrar/ do modo possivel a seos filhos; veio, então, Sizenando brilhantissimo no meio/ das trevas mahomedanas [rasura] merecer, e continuar [rasura] por graças/ e Relligião, [rasura] feroso Ceo, e terra illustre, tendo defrontado as dificuldades de huma jornada embargosa, e termo/ della violento” [Colecção de “Arqueologia Vária”, (BPE) COD CXXVIII/ 2-13d, fl. avulso, borrão; n/ destaque].

Numa intencional releitura e interpretação da História, a Antiguidade adequava-se ao cenário de tão ilustre intervenção heróica. Tratava-se igualmente de uma evocação do passado local, referindo-se o estabelecimento da Igreja na comarca pacense, como *fruto* que crescera em firmeza, ganhando a Religião seguras e vigorosas raízes, no que havia sido uma *extraordinaria Fundação das Igrejas litoraes e das Mediterraneas/ contra os Povos Turdetanos, Cinetes, e Celtas* [*id.*, *ibid.*].

A tais povos (“*Turdetanos, Cinetes, e Celtas*”), pois, coubera assim a capacidade realização dos artefactos ciosamente recolhidos por D. Manuel do Cenáculo, sendo, além de um documento, testemunho da velha impiedade; teriam sido uma “*mistura de homens idolatras/ e dos Judeos com os Christãos*”; latente, contudo, um receio de que uma tal mescla poderia fazer *temerem os Pastores a perversão dos/ [...] Fieis, e a deuassa nos profanos para o Christianismo* [Colecção de “Arqueologia Vária”, (BPE), *id.*, *ibid.*].

No seu próprio tempo, D. Manuel do Cenáculo esperaria porventura ser, quanto às questões de cultura, tão paladino como fora S. Sisenando em relação à fé. Assim insistia na exortação e acção conducentes a um necessário *decoro das coisas*, à elevação dos valores do espírito, contra a ignorância ou o desinteresse, uma luta que se justificava, na verdade, pelo interesse referente aos vestígios materiais antigos.

Cenáculo foi percorrendo o sul e o litoral alentejanos, atravessando assim o território que veio a ser designado como da Civilização proto-histórica do Sudoeste, situado muito latamente entre Sines e o Cabo de S. Vicente, onde os artefactos pré-romanos, a começar com os exemplos epigráficos, se cruzavam com o que subsistira do horizonte romano. O Prelado recolheu, então, essencialmente, peças realizadas sobre suportes duradouros, das pedras sobre as quais se haviam lavrado as inscrições, às realizações que formavam

significativos conjuntos resultantes do trabalho metalúrgico, como armas, os celebrizados espetos de bronze, uns e outros conjuntos formando indispensável componente de contextos funerários da Idade do Ferro.

Entre demais achados, surgiam as figurações, que comprovariam a prática de uma velha devoção aos *ídolos*, que se subdividiam entre representações antropomórficas e as zoomórficas, repartindo-se, enquanto artefactos técnico-votivos, entre trabalhos de torêutica (realizações de reduzida escala em bronze) e trabalhos de coroplastia (em terracota). Ainda que em geral, sejam materiais possivelmente encontrados entre 1770-1790, anos a que correspondem as datas de registo das principais deambulações de D. Manuel do Cenáculo pelo Alentejo, alguns destes vestígios, vinham de parte incerta, estando ainda por restituir, de entre os escritos cenaculanos, o devido percurso desde o seu momento de resgate.

De outros, havendo porém mais referências, também a sua inclusão entre as colecções do Bispo se fez somente por associação, e, quanto às interpretações que se poderão eventualmente tecer em torno das temáticas, pouco mais se tem proporcionado senão exercícios especulativos e comparativos. Caso dos caprídeos em bronze (as “*cabrinhas de Cenáculo*”, que se vieram a conservar no Museu de Évora), notadas pelo seu pitoresco, quanto aos quais José Leite de Vasconcelos, que lhes dedicou alguma atenção, não deixou de incluir entre as manifestações do Culto a Atégina, embora algumas tivessem uma proveniência excêntrica, como o caprídeo recolhido junto à Ribeira do Vascão, perto de Almodôvar.

Certo é que o volume de achados possibilitou ao Prelado, não apenas a formação de grupos de materiais associados a uma reserva pessoal, como doações a determinadas instituições. Fundando-se, em finais do séc. XVIII, também a Real Biblioteca de Lisboa, enviou o Bispo parte do seu “*Monetário*”, contribuindo dessa forma para a constituição de um respectivo gabinete de antiguidades; malgradamente também deste se perdeu o respectivo paradeiro [cf. DOMINGOS, 2006: 12].

À altura, o *Monetario* cenaculano teria “*mais de tres mil Medalhas de cobre, prata e oiro*”, entre peças numismáticas e de medalhística indicadas como “*raras e desconhecidas*”, “*gregas e outras*”, conforme carta, que acompanhava a oferta à Biblioteca, dirigida ao Príncipe D. João, então regente, e datada de 24 de Março de 1797 [Correspondência de D. Manuel do Cenáculo, (BPE) COD CXXVIII/ 2-10].

Para a reconstituição do que teria sido este *Monetário*, de que, no entanto, não se vieram a conservar quaisquer lotes nos actuais museus alentejanos que foram devedores de outros dos núcleos cenaculanos, destacam-se, além de diversos apontamentos autógrafos do próprio Arcebispo em que se discriminam as espécies reunidas por si, não menos outro manuscrito, de que se salientava, aqui, sobretudo a referência a materiais encontrados no decurso de um achado de tesouro, bem como demais indicações quanto a artefactos semelhantes cedidos ao Bispo por particulares. Intitulava-se o manuscrito: *Lem-*

*brança de varias medalhas romanas que nestes tempos se têm descoberto em Beja e seus subúrbios, para das mesmas se fazer menção em sua História, as quais existem em poder do Excelentíssimo e Reverendíssimo Bispo de Beja D. Frei Manuel do Cenáculo, a quem as tenho dado.* Em 1912, Vergílio Correia transcreveria o presente documento para um dos volumes do *Arqueólogo Português*, indicando que a sua autoria teria pertencido a Félix Caetano da Silva, colaborador próximo a D. Manuel do Cenáculo [cf. CORREIA, 1912: 275-285].

Esta *Lembrança das medalhas romanas* (...), propunha-se ser, antes do mais, um “*tratado histórico-moral*” com a extensão de duzentas e sessenta e uma páginas, onde o estudioso abordava, essencialmente, as peças segundo uma perspetivação valorativa de mote cultural. Das simbologias bem demarcadas, surgia a dissertação a propósito do tema da *Fortuna*, que se pretendia adequado ao sentido do “dinheiro” e dos “ganhos” ou perdas em que se poderia incorrer; a par disso, apreciava-se o respectivo sentido documental das cunhagens, entendidas como importante testemunho da história local, enquanto *antiguidades pacenses*. Havia, assim, quarenta e duas peças, que, remontando-se à sua cunhagem, se classificavam como moedas *ibéricas* ou *ibero-romanas*, de circulação coincidente já com o domínio romano, mas não parecendo ser anteriores às incursões de Júlio César. Indica-se que estas várias *medalhas* se tinham repartido, até então, pelo *poder de diversas pessoas* [cf. CORREIA, 1912: 276-285].

Adicionalmente, no realce do aspecto fundamental de que se revestiam os achados na cidade pacense, Vergílio Correia, quanto a outros vestígios, igualmente correlativos com a Romanização, trataria, numa sua outra publicação, do conjunto de peças de terracota, composto por “*bonecos (...) com figuras diferentes*”, e os quais, resgatando-se sob entulhos de uma parede, tinham sido precisamente encontrados durante a descoberta do tesouro medalhístico de que tratava a inventariação de Félix Caetano da Silva [cf. CORREIA, 1912: 278; CORREIA, 1928].

Descrevia-se que eram: “*quatro dúzias de bonecos de barro encontrados no Século XVIII em Beja, debaixo de uma parede na Rua Ancha, juntamente com uma moeda de Julia Messa [sic.], coleção de que restam poucos exemplares no Museu de Évora e uma na Biblioteca Nacional*”, [sendo] peças “*de coroplastia regional*”, que comportavam um “*tipo usual de vestuário*”. Notou Vergílio Correia, que as figuras femininas traziam *traje popular*, visível nas representações que se guardariam depois no Museu de Évora, e que mostrava o que parecia ser um capuz sobre a cabeça, num tratamento da indumentária ao modo dos *viajantes*, ou dos peregrinos [cf. CORREIA, 1928: 240].

Datariam, tal como as moedas, de época romana, apesar dos traços de índole reconhecidamente rudimentar ou arcaizante, numa qualidade plástica talvez invulgar, quanto a um artesanato próximo da “*arte popular*”, evocando, até, formas tradicionais de representação. Evocando-se a passagem de Estrabão, em que se caracterizavam os territórios

meridionais, a Bética e as zonas sob a sua influência, não apenas os *mais romanizados* das províncias hispânicas, como, pelo seu *passado cultural turdetânico*, não menos a região *mais civilizada* da Península, de alguma forma pretendia-se que estas figurações indicavam a própria assimilação cultural dos autóctones. De tal maneira se teriam latinizado, que rapidamente adoptaram a língua e a *indumentária*, de modo semelhante ao que aparecia nos bonecos, se distinguiam por serem, então, *togati*, como o eram as próprias figurinhas pacenses. Para Vergílio Correia, estes bonecos seriam assim um documento revelador do próprio teor das descrições estrabónicas e das suas referências quanto ao grau de difusão dos hábitos romanos [cf. CORREIA, 1928: 237-238; e ESTRABÃO, III, 2, 15]<sup>3</sup>.

As invasões francesas de inícios de Oitocentos vieram coincidir com a recente instalação de D. Manuel do Cenáculo como Arcebispo de Évora. O núcleo numismático do Prelado foi, então, saqueado, conforme, de resto, o que o próprio Cenáculo deixou como testemunho num emblemático opúsculo consagrado ao assalto e ocupação da cidade. Escrito um ano depois dos acontecimentos, abria-se com o propósito explícito de “*conservar uma memoria exacta, e individual dos acontecimentos [...], principalmente relativos á minha pessoa, que succederam desde a intrusão dos Francezes neste reino*” [CENÁCULO, 1809 (1887): 9].

Entre Julho e inícios de Agosto de 1808, os contingentes invasores ocupavam os Paços Arcebispais. Ainda que o Prelado, já com idade avançada, tivesse sido poupado a maus-tratos, recebeu insultos e desrespeito. De 29 para 30 de Julho, conforme contou, “*era aturdida toda a cidade com repetidos tiros, alaridos dos desenfreados saqueadores; entre o saque e a mortandade*”, a que, alegadamente só os “*rogos do Sr. Arcebispo Cenáculo*” teriam feito parar, além dos “*desacatos feitos nos templos, o forçamento das donzellas, a entrada nos conventos (...), porque quasi não houve igreja onde não obrassem o insolentissimo sacrilegio de arrombar o Sacrosanto Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo Sacramentado, para roubarem os vasos sagrados*” [CENÁCULO, 1809 (1887): 15]. A 13 de Agosto, continuando prisioneiro, Cenáculo é levado para Beja, apesar de invocar a idade para tentar evitar a nova viagem, mas onde teve de ficar dois meses [cf. CENÁCULO, *id.*: 20-21].

Do que mais escreveu, com referência às suas colecções: “*foi a minha casa saqueada excessivamente; não ficou quase nada da prata que o meu antecessor se tinha provido; fiquei sem anel episcopal*” e “*todo o copioso monetario, que a tanto custo tinha juntado para deixar, juntamente com a grande livraria que tenho edificado (a qual só por si [...]*

---

<sup>3</sup> A comparar a este lote, ainda o registo de uma figuração muito semelhante a destas realizações, que estava entre as colecções do Museu do Carmo, proveniente da barra do Douro. Apesar de alguns contrastes, oferecia também o mesmo tipo de representação de indumentária das restantes terracotas. Esta peça era porém de granito, embora se aproximasse da esquemática dos “bonecos” pacenses. A adicionar, um outro segundo exemplo de figura, em terracota, e igualmente representando um indivíduo togado, pertencente à colecção de antigualhas da Real Biblioteca e talvez associável ao achado da Rua Ancha de Beja, que talvez pudesse ter pertencido às ofertas de Cenáculo [cf. CORREIA, *id.*, *ibid.*].

*tenho feito para a instrução do clero e fieis) [...] um dos officiaes de grande patente Mr. Pillet disse ao vel-a: eis aqui porque o arcebispo não tem dinheiro, pois o tem gastado nisto – Tudo quanto era ouro e prata foi saqueado, como também rasgados os livros e feitos pedaços dos manuscriptos, quebrando-se as mais pequenas e delicadas peças do museu natural e artificial, unicamente para levarem alguns pequenos remates de prata e oiro” e “fazendo em pedaços imagens de Christo e Santos, em fim, reduzindo tudo a um estado de fazer lastima ainda a quem não é curioso” [CENÁCULO, 1809 (1887): 14-15; n/ destaque].*

Interromper-se-iam assim os projectos imediatos do Arcebispo, não se estabelecendo um Museu e Biblioteca em Évora, senão já em anos adiantados do séc. XIX, muito embora os núcleos cenaculanos restantes viessem formar parte fundamental da sua génese de ambas as instituições, em algo de uma notável continuidade.

Além dos exemplares medalhísticos, havia também a Colecção lapidar, que englobou inicialmente algumas estelas inscritas com os caracteres pré-romanos, quanto às quais, por se ter perdido o seu paradeiro, somente restou o testemunho da sua reprodução em álbum próprio e em registo à data inédito, no que foi também a primeira referência erudita quanto a esses conjuntos. Abrangia o mesmo núcleo as esculturas antigas, de que as principais se conservam ainda no Museu de Évora, sendo um testemunho do zelo do Prelado em não prescindir da propriedade moral e sentido distinto que se aferia da grande expressão cultural e civilizacional de tais peças, enquanto obra subsistente da Antiguidade. O propósito de cuidado e conservação tinha também subjacente o ideal pedagógico que orientara a acção do Prelado. Destacaram-se, evidentemente, os exemplares da estatuária principalmente recolhida no contexto das antigas *villae* do Alentejo, como a majestosa representação sedente de Cibele. No caso do painel com uma figura de Ménade, sabe-se que a sua proveniência é pacense.

Tendo constituído a acção de D. Frei Manuel do Cenáculo um precedente científico, já de molde “moderno”, quanto ao levantamento estudo sistemático das antiguidades, e que, apesar das vicissitudes, granjeou de boa posteridade, sendo historicamente os vários núcleos das suas colecções os que mais tempo vieram a permanecer para a actualidade, o seu incontornável exemplo foi mereceu constante referência entre os investigadores do séc. XIX.

Em 1895, de passagem por Évora, José Leite de Vasconcelos abraçava a missão de tratar o legado cenaculano, não apenas no âmbito preparatório à elaboração do seu estudo sobre *As Religiões da Lusitânia*, como numa avaliação do que existia enquanto reunião de obras arqueológicas, em resultados que servissem como razoável confronto para o seu próprio projecto de estabelecimento, em Lisboa, do então chamado *Museu Etnológico* (actual Museu Nacional de Arqueologia) e cujo decreto de fundação oficial remontava ao ano precedente. Na Biblioteca Pública, Leite de Vasconcelos transcreveria

escritos de D. Manuel do Cenáculo, de que publicou extractos e um comentário, logo no Vol. I do *Arqueólogo Português*, revista que também criara dentro das iniciativas do Museu Etnológico [LEITE DE VASCONCELOS, 1895: 338-344].

Especial atenção mereceu o *Album de antiguidades lusitanas (...)*, que na citada publicação de Leite de Vasconcelos na sua revista, teve ampla nota. Era no *Álbum* que se encontrava o registo e ilustração das várias peças arqueológicas resgatadas pelo Prelado, com a indicação do lugar de proveniência, bem como dos aspectos pelos quais se havia conferido valor aos achados setecentistas. As obras de escultura romana ou de epigrafia, ainda presentemente reunidas no Museu de Évora, estão aí reproduzidas. Pontualmente, porém, adiantava Leite de Vasconcelos, que o *Album* se apresentava incompleto, ou comportando no que “*lá se lê* [informação] *que eu julgue proprio para a publicidade*” [LEITE DE VASCONCELOS, 1895: 344].

Mas a inventariação aí contida não deixava de ser uma significativa resenha, destacando-se, desde o mero “bloco figurado”, resgatado das muralhas de Beja, à inscrição dedicada a Júpiter procedente de Santa Margarida do Sado e à estátua de Cíbele, vinda de Vale de Aguiro.

De resto, havia, em sentido particularmente curioso, a menção a uma série de “*objectos religiosos antigos*”, os quais, decerto pela sua aproximação ao registo *etnográfico* ou *etnológico*, o eminente fundador do Museu de Belém consagrou detalhes expositivos, como as “representações de *Hércules*”, ou interpretáveis como tal, aferíveis a vestígios trazidos de áreas próximas ao “*occidente litoral, vizinho do Promontorio Sacro*”, aonde, segundo tradições que remontavam ao que haviam falado os autores clássicos, teria vingado um culto prestado ao herói, entendendo-se o Extremo Ocidente lusitânico como um dos cenários da sua gesta. Entre outras representações “*religiosas*”, havia ainda a proveniente dos “*campos mui proximos a Beja*”, descrito como tendo a figura de um ancião em repouso, de traços rudes, mão direita sobre a face, mas elaborada em *pedra preciosa* e uma outra, proveniente de S. Teotónio.

Esta última estaria “*coberta de peles de serpente*”; porém, estavam entre o conjunto de peças entretanto desaparecidas da velha colecção cenaculana. Leite de Vasconcelos lamentava não ter encontrado no *Album* a respectiva ilustração, tendo-se tratado, segundo tão só os apontamentos setecentistas, de uma peça “*de barro fino, preto e duro, na figura de menino assentado sobre a enrolada pelle das serpentes que lhe arremessou Juno para o devorar no berço: elle as matou e em cima do destroço está zombando; pois d’entre as perninhas sahem as pontas da farpada pelle da cabeça despedaçada*”. E “*o menino está rindo para ella com prazer*” [LEITE DE VASCONCELOS, 1895: 341-342].

Tentando aproximar estas representações às temáticas da figuração de Hércules, Leite de Vasconcelos indicava que a sua descrição, no *Album das Antiguidades*, era muito semelhante a exemplos de outros países, que se referiam, desta feita acompanhadas por

estampa, num tratado de Montfaucon. Descrevendo a representação “dos arredores de Beja”, surgia esta como “mui rude”, mas estando “assentada com a mão direita na face, e pendurada do braço esquerdo uma roupagem, que o artista figurou mal, porém o mesquinho não destroe a verdade da coisa”, num flagrante paralelismo também em relação a várias outras figuras, como as que surgiam na obra de Caetano Marini, *Inscrizioni antiche delle ville e de' pallazzi Albani*, editada em Roma em 1785 [LEITE DE VASCONCELOS, 1895: *ibid.*].

Leite de Vasconcelos relembria ainda que a representação de Cibele, descrita por James Murphy no Diário da sua viagem a Portugal, fora comparada, no mesmo relato, com uma segunda peça fragmentada, da “*Diana Mammaea*”, mais um achado pacense das antigas Casas do Sargento-Mor, Francisco Manuel de Melo, e igualmente entregue, à época a D. Manuel do Cenáculo. A figuração de Diana seria de terracota e estaria acompanhada de uma “pequena memória” dedicada à divindade. De acordo com a transcrição dos dados cenaculanos, a peça exibiria “entre duas tetas a cabeça mitrada de um cervo desarmado, e só com as orelhas levantadas, como um d’ aquelles que se vêem no cinto de Cybele de Kircher (...) com a diferença de estarem os cervos d’ esta estátua abaixo dos peitos da deusa, e a cabeça que aqui se achou, por estar destacada da estátua, contém em si as têtas para sinal da sua dedicação” [LEITE DE VASCONCELOS, 1895: 342].

Entre outros vestígios, registou Leite de Vasconcelos que havia um bloco trabalhado, também de origem pacense, talvez aquela que, em 1895, ainda se podia ver no Horto do Paço Episcopal, e que se descrevera, nas próprias palavras do Prelado, como “*afeiçoada para ter assento em ara, com parecença quasi humana, e furada no alto, ou para grinalda, ou para suster a gallinha fatídica*” [in LEITE DE VASCONCELOS, 1895: 342-343]. A salientar, além do mais, as abundantes figurações de taurídeos, encontradas em sucessivos pontos da parte velha de Beja, que Leite de Vasconcelos relacionava o antigo ritual do *taurobolium*, ou talvez manifestação de Culto a Ápis, ou o registo da lucerna de Tróia, onde o Bispo efectuara também prospecções, com a figuração de cacho de uvas, e que servira ao Prelado para tecer considerações sobre uma eventual comprovação da fundação de Cetóbriga por *Tubal*, descendente de Noé, e, a seu ver, era a representação do cacho um sinal da presença dos Hebreus no território [LEITE DE VASCONCELOS, 1895: 338-343; cf. também FABIÃO, 1989: 20; MACIEL, 1995: 113; MACIEL, 1996: 202-212].

De maior interesse, pela sua eventual “*remota antiguidade*”, era a “*serpente circular de bronze*” da Herdade do Raco (Cercal, Santiago do Cacém), eloquentemente considerada “*símbolo de eternidade*”, e, pelo seu exotismo, interpretada como tema adequado à herança da “*arte fenícia ou egípcia*” (ainda que Leite de Vasconcelos assinalasse que a peça se encontrara junto de um entesouramento romano) [cf. LEITE DE VASCONCELOS, 1895: 338-339]. Por fim, contava-se a referência a um grupo de “*ídolos penates*”. Falava Leite de Vasconcelos de um conjunto guardado em Évora, descrevendo-as como figuras grosseiras e de tamanho pequeno, feitas em barro (além de evidenciarem *muita antigui-*

dade); ainda que, entre a coleção arqueológica de Cenáculo houvesse também um outro grupo de “ídolos” votivos, elaborados em bronze, de proveniência porém não de todo estabelecida e com referência omissa entre os registos setecentistas, estes seriam certamente os “bonecos pacenses” de que Vergílio Correia viria depois a contemplar [LEITE DE VASCONCELOS, 1895: 343].

Assim surgiam as notícias cenaculanas quanto ao que se resgatara por escavações pelo Baixo Alentejo, nos sítios que se distinguiam pelos seus sinais de “*antiguidade de mui velha data*”, e quanto aos quais, correspondendo a “*povoações antiquíssimas*”, se deixou inclusivamente registo de contextos. Caso do Castro da Cola (Ourique) ou da Herdade do Raco (Cercal), onde se achara a peça de bronze com figuração da serpente, evidenciava, por exemplo, ocupação de necrópole, tendo D. Frei Manuel do Cenáculo inspeccionado os sepulcros que ali se encontravam, reparando na sua “*simplicidade*” pois os espaços estavam somente arranjados com a deposição de lajes em redor de cada túmulo, embora não se tivessem encontrado as ossadas.

Mas havia espólio, com “*vasos de vidro*” (“*fiolas lagrimatorias*”), fragmentos metálgicos (“*serralharia, e ferraria*”), e artefactos cerâmicos (“*pucaros, tijelas e bandejas*”), com decoração à base de “*linhas curtas, e maiores, e muitos círculos fechados, e pequenos*” (talvez símbolos, ou “*insignias dos enterrados, ou de outro serviço relativo aos defunctos*”) e ainda um anel de ouro, com inscrição (“*ilegível*”), bem como um peitoral de elementos encadeados, também em ouro, onde se alternavam “*grãos facetados de materia vidrenta e parecidos com granadas*”. Tal registo reflecte, de resto, o habitual entre os espólios funerários das sociedades meridionais da Idade do Ferro [in LEITE DE VASCONCELOS, 1895: 340-341].

Outras informações referir-se-iam, por sua vez, à Herdade do Roxo (Alvalade, Santiago do Cacém), onde D. Manuel do Cenáculo se deparou com restos de estruturas de muro, com o que lhe pareceu um lagar e uma outra necrópole, que ofereceu moedas e três lucernas, uma das quais parecia comportar uma inscrição grega. O interesse pelo lugar fora suscitado pelo envio de uma carta, que o dono da Herdade, Francisco José Agoas, enviara ao Prelado. A lucerna inscrita também mereceu a Leite de Vasconcelos um reparo próprio, sendo que no Museu Etnológico, existia, do mesmo modo proveniente do Sul, uma outra lucerna com os ditos “*caracteres gregos*” [LEITE DE VASCONCELOS, 1895: 340].

Por fim, a pouca distância da “*Praça de Sines*”, já em “*plena praia*”, e difíceis condições de prospecção, mais uma necrópole, descrita como “*um cemiterio parallelogrammo, de 90 por 20 palmos, repartido em quadrados longos (...) e encravado em médos de areia*”, de que salientava igualmente o respectivo espólio, entre o qual mais artefactos em bronze (“*um pequeno tubo [...] torneado com elegancia, que serviria para guarnecer alguma alfaia de madeira*”) e os modos construtivos (“*silices bem cravados, e unidos a outros com seixo preto*”). As estruturas tinham vestígios de aplicação de xisto e um dos sepulcros vestígios

também de ladrilho. Havia túmulos com aberturas laterais; segundo Cenáculo, “*lugar para se conservarem as luzes sepulcraes*” [in LEITE DE VASCONCELOS, 1895: 340-341].

Explorando estes lugares, D. Manuel do Cenáculo terá assim assumido o pioneirismo da descoberta dos vestígios da antiga Civilização do Sudoeste da Idade do Ferro, no âmbito do que teria sido um dos seus principais focos, na confluência dos cursos hidrográficos do Mira, Sado e Ribeira do Vascão, sítio de significativas jazidas minéricas, base fundamental da riqueza autóctone. Era, pois, um horizonte cultural e histórico enraizado numa determinada circunscrição territorial que, em virtude das responsabilidades que desempenhou enquanto Bispo de Beja, granjeou ao Prelado a possibilidade de o percorrer com sucesso erudito, sempre cumprindo o propósito dos “*cuidados literários*”.

Um horizonte cultural que forneceria, ainda, os primeiros exemplos conhecidos de uma escrita em uso para o território lusitânico em períodos pré-romanos, no encetar de uma via de interesses que se reataria, posteriormente, com os investigadores da segunda metade do séc. XIX, nomeadamente o epigrafista Emile Hübner e, obviamente, o próprio Leite de Vasconcelos, que, apesar de ser médico de formação, não deixaria de dar expressão à sua vocação de linguista.

Do destino que teria o núcleo de antiguidades lapidares cenaculananas, de início anexados à Biblioteca Pública de Évora como um “Gabinete de antiguidades”, os respectivos conjuntos escultóricos ou epigráficos viriam a permanecer, séc. XIX adiante, na Torre do Açougue, cujos paramentos ainda não se haviam demolido para deixar à mostra o perímetro peristilado do templo romano, então ainda apelidado de “Templo de Diana”. Aí se guardariam até à criação definitiva do Museu, que veio ocupar o velho Palácio arcebispal.

Estando, à época, em Évora, Augusto Filipe Simões também lhe coube em crédito a restituição do legado museológico de Cenáculo e a introdução dos debates quanto ao arranjo expositivo, destacando-se as apreciações que resultaram nos artigos saídos com a sua autoria na revista *Artes e Letras* [SIMÕES, 1873].

Tendo chegado a Évora em 1862, Augusto Filipe Simões foi Professor do Liceu durante os dez anos subsequentes. Na *Artes e Letras*, apresentando propostas de “conservação” e “recuperação” de exemplos emblemáticos do património monumental (ocupando o tema do “Templo de Diana” uma posição especial), assinalava o estado de risco em que se encontravam os depósitos lapidares cenaculananos. Caíra o telhado da Torre do Açougue e o espólio de Cenáculo (composto por peças “*interessantes por seus labores ou por inscrições que continham*”) esperavam um “*logar mais conveniente*”. Entre as soluções possíveis, uma seria a de “*conservar dentro do templo, depois de demolidas as paredes da idade media, a collecção archeologica*” [SIMÕES, 1873: 188].

Mas assim não sucederia. A Colecção foi posta nos Paços Régios, enquanto se derubava a velha edificação da Torre, para trazer à vista o alinhamento da colonata coríntia da obra romana. Mas, segundo Filipe Simões, a ter-se seguido a ideia de manter a colec-

ção no espaço do templo romano (mesmo ao ar livre), seria notório que “os fragmentos de *architectura e esculptura, especialmente os maiores alterariam a perspectiva das columnas, tirando às ruínas o aspecto severo e magestoso*”; levadas, então para a “*casa inferior da galeria dos paços reaes no passeio publico, onde hoje se conservam*”, uma nova ameaça surgira com o facto de estar “*a abobada [dos mesmos Paços] fendida em varios logares*”. Daí ter sido o Paço Episcopal o sítio escolhido para o Museu, não sem antes se ter ponderado a hipótese de se “*transferir para o museu do Carmo em Lisboa a collecção de Évora*”; o núcleo lapidar, segundo ainda Filipe Simões, tinha então “*uns setenta exemplares (...), muitos d’ elles romanos*” [SIMÕES, *id.*, *ibid.*].

A época de D. Manuel do Cenáculo, profícua no renovado interesse erudito e científico pelas mais diversas áreas de estudo, foi igualmente marcada pela intensidade de troca informativa, sobretudo no que dizia respeito à circulação de missivas entre correspondentes esclarecidos, mas também no que se referia ao intercâmbio de estudos, que, muitas vezes promovidos pelas academias, assumiam pela primeira vez um sentido de programa sistemático. E o Prelado de Beja estava bem inserido nesse âmbito, contando-se, nas suas relações, inúmeras personalidades de renome, entre as quais, na verdade, o Bispo gozava já de mérito e celebridade. Em 1782, visitava-o D. Francisco Pérez Bayer, também eclesiástico e académico espanhol, bem como responsável pela educação dos Infantes de Espanha, e igualmente figura de destaque no que se referiu à descoberta das antiguidades peninsulares. Natural de Valência, deixou ele próprio relato das suas itinerâncias pela Andalúzia e Alentejo, entre cujas notas se registou ainda o seu encontro pessoal com Cenáculo.

A 8 de Dezembro do referido ano, entrava em Badajoz. Na ocasião desta viagem, era então Director da Real Biblioteca de Madrid. Incluir-se-iam no seu relato as notas sobre as colecções particulares setecentistas e também sobre os seus encontros com as distintas individualidades portuguesas, além de D. Manuel do Cenáculo, com quem participou em tertúlias que muito lhe agradariam. Parte do seu original manuscrito, com cópia na Biblioteca Nacional de Lisboa, seria do mesmo modo publicado no *Arqueólogo Português* por José Leite de Vasconcelos, embora sem o seu valioso acompanhamento ilustrativo somente guardado nas academias de Madrid junto com o diário original [cf. LEITE DE VASCONCELOS, 1920: 108-176; cf. também, as referências de BEIRÃO, 1986: 33; GUEDES, 1994: 367-ss.; LEÓN, 1993].

A criação da Real Academia de Madrid remontara a 1738, e, dentro dos seus objectivos principais, contava-se, bem de acordo com o sentido geral do momento, o *fomento dos conhecimentos modernos* do passado, em atenção, claro está, à própria história e antiguidade dos sítios. Transcritas as anotações do académico espanhol, ainda que tendentes ao sucinto, realçam-se os reparos quanto aos vestígios monumentais e históricos visíveis em terras meridionais. Pérez Bayer, em missão de historiador e de interessado pelo antigo, procedera mesmo à cópia de diversas epígrafes, de que se contaram as que

viu em lugares portugueses, de resto constituindo este último grupo de vestígios uma parte importante dos seus cadernos.

No decurso dileitante que envolveu o encontro entre os dois estudiosos, estava, de um lado, o “arcebispo de Évora [que] foi antes do mais – como nenhum outro colecionador português do seu tempo – o anticómano erudito (...) [de] formação intelectual e prática pedagógica como hebraísta, orientalista, numismata, paleógrafo, exegeta” [BRIGOLA, 2000: 250]. Do outro lado, Pérez Bayer, “bem conhecido dos especialistas como orientalista por causa dos trabalhos que escreveu sobre moedas, alfabeto e língoa da Fenícia”, e que, na sua súpula de 1782, “alem das notícias puramente arqueológicas, se referiria igualmente a alguns eruditos nossos e colecionadores”; além de “Cenáculo (principalmente)”, também “Feliz Caetano (...), Frei Vicente Salgado, Marquês d’ Angeja (D. Antonio José Xavier de Noronha)”, entre outros, que compunham a elite cultural setecentista [LEITE DE VASCONCELOS, 1920: 108].

Ainda na Andaluzia, e imediatamente antes de seguir rumo a Portugal, visitara as ruínas romanas de Itálica; na respectiva descrição que fez, assinalou Pilar León que havia “*rigor*”, tendo observado atentamente a localização do conjunto monumental e apontado observações sobre as escavações que ali se haviam recentemente realizado (1781). Entretanto, coube-lhe, para a mesma data, observar e registar, também pela primeira vez com espírito moderno, um vestígio da velha “escrita turdetânica”, tal como surgia na lápide de Alcalá del Rio (Sevilha), hoje perdida, mas de que restou o seu desenho, entre o referido diário de Pérez Bayer, que teve ocasião de ver directamente a peça ainda *in situ*, antes de passar a fronteira. À data, Cenáculo não tinha ainda escrito sobre similares vestígios que ele mesmo resgatou na ocasião das suas prospecções. Certo é, que, nas vésperas do 1.º de Novembro de 1782, estando Pérez Bayer a caminho de Beja, estava o Bispo em explorações, nas redondezas de Ourique, sendo que futuros achados com a indicada escrita para o território português teriam aí o seu cenário [cf. LEITE DE VASCONCELOS, 1920: 113-ss.; LEÓN, 1993: 42-43].

O Padre espanhol, enquanto esperava o regresso de D. Manuel do Cenáculo, dirigir-se-ia a Serpa, de que conhecia as “memórias” locais, e destacando, das antiguidades aí encontradas, uma moeda, precisamente “*com caracteres desconhecidos*”, de que surgia referência numa carta do erudito Jacopo Bari enviada ao tratadista Adriano Relando, o qual, por sua vez, publicaria uma nota sobre a moeda de Serpa na sua própria obra, *Palestina Sacra*. Fazia-se reparo de como, no seu reverso, aparecia uma árvore (uma “pereira” ou uma “macieira”), a cujo topo subia uma figura masculina. Dissertando o tratadista sobre as eventuais associações interpretativas, Pérez Bayer comentaria que tal consideração apenas mereceriam o estatuto de “*solo (...) noticia*”, reafirmando que lhe interessariam menos as conjecturas que o “*confronto directo*” com as provas e preferindo aproximar os simbolismos da dita moeda aos “temas bíblicos” [in LEITE DE VASCONCELOS, 1920: 114].

Entretanto, em Beja, recebeu a companhia de D. Frei António Martins da Piedade, que o levou a um percurso pelas ruas onde havia vestígios epigráficos, prontamente registados no diário da viagem por Portugal. Encontrando-se também com Félix Caetano da Silva, ofereceu-lhe este a sua própria monografia sobre as antiguidades pacenses e prontificou-se em guiá-lo igualmente num percurso pelas velhas partes da urbe, que se iniciou na Praça do Concelho. Aí, ao lado de uma epígrafe, estava um exemplo de representação de bucrânios, enquanto outra tipologia especial das *antiguidades pacenses* [cf. LEITE DE VASCONCELOS, 1920: 115-118]<sup>4</sup>.

Por fim, D. Manuel do Cenáculo voltou a 4 de Novembro. Pérez Bayer contou que, no serão desse dia, ambos vieram a conversar longamente sobre temas *literários*. O Bispo de Beja facilitou acesso à sua biblioteca, cujos volumes suscitariam admiração ao eclesiástico espanhol e mostrar-lhe-ia ainda o seu Monetário. Disse D. Pérez Bayer, que o Bispo “*enseñome las medallas desconocidas de metal, que eran las que yo deseava ver por sí havia alguna que no huviese llegado a mis manos, e dixome que lo que tenia de oro y plata se lo estaban poniendo en orden en el Algarbe*” [in LEITE DE VASCONCELOS, 1920: 120-123].

Havia uma numisma, em especial, que o Padre pediu para copiar, por lhe parecer ser uma peça com “*corte de las Samaritanas e leyenda al uso de los Hebreos*”, apelando, pois aos seus interesses nas questões do Orientalismo [cf. LEITE DE VASCONCELOS, *id.*, *ibid.*; e também LEITE DE VASCONCELOS, 1914].

A 7 de Novembro, D. Pérez Bayer retoma a sua viagem, saindo de Beja para Évora, onde o esperavam ainda mais vestígios antigos, e onde, a 9 de Novembro, está diante da velha Torre do Açogue. Descreveu as colunas coríntias ainda aí embebidas, que pertenciam ao templo romano eborense ainda não despojado da obra medieval. No dia seguinte, na Praça do Giraldo, tomou registo dos sinais de mais inscrições, que se observavam em pontos espalhados das ruas envolventes. Será nessa sequência do seu relato que faz alusão ao friso de bucrânios (hoje no Museu de Évora), que ainda adornariam, em plena praça, a fonte quinhentista, não menos rodeado por mais epígrafes. Assinalava, das lápides, que estavam “*todas (...), en la Plaza mayor de Evora, colocadas en una fuente en tempo del Señor Felipe Tercero Rey de España y Portugal sobre un friso antiguo en que hai bucranios y platos de relieve en la forma que solia usarse en la arquitectura de los Romanos, y no seria fuera de razon pensar que hubiesse este friso sido del antiguo Templo de Diana*” [in LEITE DE VASCONCELOS, 1920: 136-139].

---

<sup>4</sup> Foi nesta ocasião que D. Pérez Bayer veio a reproduzir as lápides latinas que se encontravam à vista, nomeadamente, à Porta de Mértola, na Rua de Esquível, nas torres do lado nordeste da muralha, além das que estavam nos próprios paços episcopais [cf. Leite de Vasconcelos, *id.*, *ibid.*]. O desenho da lápide e da citada figuração da representação taurídea, veio a guardar-se entre os papéis de Frei Lourenço do Vale, mais um dos membros do círculo cenaculano, na Biblioteca Pública de Évora, como um documento mais quanto ao conjunto de diversos achados da época; ao lado de outras tantas ilustrações, a referida epígrafe é atribuída à época de Cómodo [Coleção de “Arqueologia Vária”, (BPE) COD CXXVIII/ 2-13d, fl. 26].

Prosseguindo a sua volta, detém-se diante da Casa de André de Resende, abaixo da Sé, que comportava mais vestígios epigráficos, igualmente copiadas para o seu caderno. Passando ainda pela Torre de Sertório e o Horto do Convento de S. João Evangelista (antigo Convento dos Lóios e actual Pousada). Por aquele mesmo dia, terminaria a sua visita no Convento da Cartuxa, onde, a conselho de D. Manuel do Cenáculo, aproveitaria para se deleitar com a Biblioteca ali reunida. A 13 de Novembro, seguia para Lisboa [LEITE DE VASCONCELOS, 1920: 133-135].

Foi enquanto Bispo que D. Frei Manuel do Cenáculo veio, pois, a desenvolver uma actividade que se abriu à progressiva definição do entendimento das antiguidades como uma área objectiva de estudo. Apoiava-se tal actividade, não apenas no resgate directo (e subsequente valorização) dos vestígios materiais, neste caso através da região de que o Prelado era responsável enquanto alto eclesiástico, como também se interligando fortemente ao fomento das estratégias de reunião dos artefactos em núcleos próprios, que em breve alterariam o seu estatuto de meras recolhas coleccionistas para a génese museológica; pelo seu respectivo registo, no qual, enfim, eram vigentes critérios de época; pelo fomento paralelo de fundação bibliófila, em que se poderia buscar incremento do saber, quanto a uma curiosidade que, aqui, era a que se dirigia ao passado. Cenáculo tinha os seus pares, como D. Pérez Bayer, entre outros, como teve, igualmente, seguidores, ou, pelo menos, outros investigadores que o cercavam e acompanhavam, bem como estudiosos que, sendo o caso de Leite de Vasconcelos, o qual assumiria outros protagonistas já na viragem para o séc. XX, não deixariam de regressar ao legado global do futuro Arcebispo de Évora.

Do espólio das antiguidades cenaculananas, saiu um conjunto de cerca de cento e sessenta peças, que, na verdade, acabariam por se vir a repartir por dois museus distintos, em Beja e Évora, acompanhando a própria sequência de deslocações a que obrigou a carreira do Prelado, e cujas fases de fundação se deveram à sua própria iniciativa. Tendo tido ainda a sua parte no estabelecimento das próprias colecções da Real Biblioteca de Lisboa, também em processo de constituição no séc. XVIII, algumas das suas peças, por terem sido doações à Real Biblioteca, em especial para o seu “gabinete medalhístico”, transitariam para os primeiros núcleos do Museu Etnológico – o que também não deixou de justificar o interesse evidenciado por Leite de Vasconcelos nas colecções de Setecentos. Poder-se-á considerar que estava subjacente uma vigorosa perspectiva do sentido de “civilização”. O ambiente de Setecentos procurava valores de dignidade institucional e o Antigo ressurgia, como sempre, na sua qualidade de legitimação, deixando exprimir (e inspirando) algo de um sentimento de grandeza, perante a qual se manifestava todo o respeito possível da inteligência.

## Bibliografia

### Abreviaturas

BPE: Biblioteca Pública de Évora

### Fontes citadas

AZEVEDO, 1652 (1753)

Luís António Marinho de AZEVEDO, *Fundação, antiguidades, e grandezas da mui insigne cidade de Lisboa, e seus varoens illustres em santidade, armas e letras (Catálogo de seus prelados, e mais cousas ecclesiásticas, e politicas até o anno 1147, em que foi ganhada aos Mouros por elrey D. Affonso Henriques)* (Lisboa, 1753).

CENÁCULO, 1809 (1887)

António Francisco BARATA (Ed.): D. FREI MANUEL DO CENÁCULO VILLAS-BOAS, *Memória descritiva do assalto, entrada e saque da Cidade de Évora pelos francezes, em 1808* (Évora, 1887).

CENÁCULO, 1800a

D. FREI MANUEL DO CENÁCULO VILLAS-BOAS, *Vida de Sisenando Mártir e Beja sua pátria* (BPE CÓDICE CXXIX/ 1-9). Ver também DELGADO 1947, 1948, 1949.

CENÁCULO, 1800b

D. FREI MANUEL DO CENÁCULO VILLAS-BOAS, *Comentário à Vida de Sisenando* (BPE CÓDICE CXXVIII/ 2-5).

CENÁCULO, 1791

D. FREI MANUEL DO CENÁCULO VILLAS-BOAS, *Cuidados Literários do Prelado de Beja em Graça do Seu Bispado* (Beja, 1791), in DELGADO, 1947, 1948, 1949.

DAMIÃO DE GÓIS, 1554 (1988)

José da Felicidade ALVES (Ed.): DAMIÃO DE GÓIS, *Descrição da Cidade de Lisboa* (Lisboa, 1988).

ESTRABÃO

François LASSERRE (Ed.): STRABON, *Géographie (Livres III-IV)* (Paris, 1966).

### Outras referências

BEIRÃO, 1986

Caetano de Mello Beirão, *Une civilisation protohistorique du Sud du Portugal (1ère Age du Fer)* (Paris, 1986).

BRIGOLA, 2000

João Carlos Pires BRIGOLA, "Coleccionismo e 'anticomania': a actividade museológica de Frei Manuel do Cenáculo (1750-1814)", in *A Cidade de Évora*, II Série, Vol. IV (Évora, 2000).

CORREIA, 1928

Vergílio CORREIA, "O domínio romano na Lusitânia", in AAVV: *História de Portugal (Dir. Damião Peres)*, Vol. I (Barcelos, 1928).

CORREIA, 1912

Vergílio CORREIA, "Moedas romanas achadas em Beja no séc. XVIII", in *O Arqueólogo Português*, I Série, Vol. XVII (Lisboa, 1912).

DELGADO, 1947, 1948, 1949

Manuel Joaquim DELGADO (Ed.): FREI MANUEL DO CENÁCULO VILLAS-BOAS, “Sisenando mártir e Beja, sua pátria”, in *Arquivo de Beja*, Vols. III-VI (Beja, 1947-1949).

DOMINGOS, 2006

Manuela DOMINGOS, *Doação de Frei Manuel do Cenáculo à Real Biblioteca Pública da Corte* (Lisboa, 2006).

FABIÃO, 1989

Carlos FABIÃO, “Para a História da Arqueologia em Portugal”, in *Penélope*, Vol. 2 (Lisboa, 1986).

GASCÓ, 1993

Fernando GASCÓ, “Historiadores, falsarios y estudiosos de las antigüedades andaluzas”, in José BELTRÁN FORTES e Fernando GASCÓ (Ed.): *La Antigüedad como argumento: Historiografía de arqueología y Historia antigua en Andalucía* (Sevilha, 1993).

GUEDES, 1994

Natália Correia GUEDES, “A múmia ptolomaica do Museu Nacional de Arqueologia: Memória do Museu de História Natural do Marquês de Angeja”, in *O Arqueólogo Português*, IV Série, Vols. XI-XII (Lisboa, 1994).

LEITE DE VASCONCELOS, 1920

José LEITE DE VASCONCELOS, “Viagem de Pérez Bayer em Portugal em 1782”, in *O Arqueólogo Português*, I Série, Vol. XXIV (Lisboa, 1920).

LEITE DE VASCONCELOS, 1914

José LEITE DE VASCONCELOS, “Excursão arqueológica à Extremadura transtagana”, in *O Arqueólogo Português*, I Série, Vol. XIX (Lisboa, 1914).

LEITE DE VASCONCELOS, 1895

José LEITE DE VASCONCELOS, “Antiguidades do Sul do Tejo (mencionadas num manuscrito de D. Frei Manuel do Cenáculo)”, in *O Arqueólogo Português*, I Série, Vol. I (Lisboa, 1895).

LEÓN, 1993

Pilar LEÓN, “Las ruinas de Itálica”, in José BELTRÁN FORTES e Fernando GASCÓ (Ed.): *La Antigüedad como argumento: Historiografía de arqueología y Historia antigua en Andalucía* (Sevilha, 1993).

MACIEL, 1996

Manuel Justino MACIEL, *Antiguidade Tardia e Paleocristianismo em Portugal* (Lisboa, 1996).

MACIEL, 1995

Manuel Justino MACIEL, “A arte da Antiguidade Tardia (séculos III-VIII, ano de 711”, in AAVV: *História da Arte Portuguesa (Dir. Paulo Pereira)*, Vol. I (Lisboa, 1995).

SIMÕES, 1873

Augusto Filipe SIMÕES, “O templo romano de Évora (III)”, in *Artes e Letras*, Vol. (Lisboa, 1873).

## Referências correlativas

BRIGOLA, 2006

João Carlos BRIGOLA, “Frei Manuel do Cenáculo, *semeador* de bibliotecas e de museus. O conceito de biblioteca-museu na museologia setecentista”, in AAVV: *Frei Manuel do Cenáculo – Construtor de Bibliotecas* (Casal de Cambra, 2006).

CHOAY, 1992 (1999)

Françoise CHOAY, *L'Allégorie du patrimoine* (Paris, 1992 [1996, 1999]).

HASKELL, 1993

Francis HASKELL, *History and its Images: Art and the Interpretation of the Past* (New Haven-Londres, 1993).

PATROCÍNIO, 2000

Manuel Francisco Soares do PATROCÍNIO, "O relato de viagem de Pérez Bayer (1782) e uma descrição setecentista das antiguidades de Évora", in *A Cidade de Évora*, II Série, Vol. IV (Évora, 2000).

PEREIRA, 2006

José Esteves PEREIRA, "Ribeiro dos Santos, Cenáculo e a criação da Biblioteca Pública", in AAVV: *Frei Manuel do Cenáculo – Construtor de Bibliotecas* (Casal de Cambra, 2006).

PIWNIK, 1987

Marie-Hélène PIWNIK, *Echanges érudits dans la Péninsule Ibérique (1750-1767)* (Paris, 1987).

PIWNIK, 1983

Marie-Hélène PIWNIK, "Les deux voyages de F. Pérez Bayer au Portugal: 1782, 1783", in *Revista de História Moderna* (Alicante, 1983).

VAZ, 2006

Francisco António Lourenço VAZ, "A fundação da Biblioteca Pública de Évora", in AAVV: *Frei Manuel do Cenáculo – Construtor de Bibliotecas* (Casal de Cambra, 2006).

VAZ, 2002

Francisco António Lourenço VAZ, "Évora lastimosa e outros textos sobre o saque de Évora pelos Franceses em 1808", in *Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias*, II Série, Vol. XV (Lisboa, 2002).